



Entre Santos: metamorfoses da sacralidade em Machado de Assis

PALAVRAS-CHAVE: retórica machadiana, metamorfose, sacralização, ironia.

KEYWORDS: machadian rhetoric, metamorphosis, sacralization, irony.

“Entre Santos” é a segunda estória, no conjunto de dezesseis, na estrutura compositiva de *Várias histórias*, publicado em 1896. Escrito sob irônica “Advertência” – “As VÁRIAS HISTÓRIAS que formam este volume foram escolhidas entre outras, e podiam ser acrescentadas, se não conviesse limitar o livro às suas trezentas páginas” (Assis, 1997: 476) – vale-se ainda de epígrafe de Diderot: “Mon ami, faisons toujours des contes... Le temps se passe, et le conte de la vie s’achève, sans qu’on s’en aperçoive” (*ibid.*: 476).

Nesse sentido, o procedimento de metamorfosear ironicamente os sucessos cotidianos, encontram no aparato divino espelho de repercussão. Deste jogo é que sugere – no caso específico – emanar o teor ácido do discurso machadiano, expondo a cru as débeis vicissitudes humanas. Isto se dá, pois, o narrador machadiano dispõe nesta sequência discursiva, em primeira instância, recair sobre a materialização fantástica de sucesso difuso: prosa descontraída entre santos.

Assim, a linguagem – no entre de santos diálogos ou de diálogos diabólicos, que pouco se afastam da divinação e se aproximam do frágil e relativo padecer humano – oscila estrategicamente cambaleante entre a realidade ficcional insuspeita e outra que emerge de uma relatada vivência onírica, aparente exercício de descortínios e suspeições. Em verdade, a atitude narrativa mantém-se em passo seguro diante de proceder estratégico dissimulativo, imperando malabarismos situacionais, artimanhas e desvirtuações discursivas. Assim, o entre-espaço realidade/ficção, no tempo aberto entre a entrada e a entranha, parece desvelar que todos os caminhos conduzem ao entorpecimento.

Num primeiro momento, algumas posições desdobradas quanto à natureza das vozes que alicerçam e desenvolvem a estória efervescem. Por um lado, marca de aparente bondade

e reflexo das referidas artimanhas, uma voz narradora concede a palavra a um personagem (“capelão”) que também assume aquele posto, e, tomado pelo espanto – internamente ao universo narrativo –, introduz a estória. Sugere-se de antemão que o primeiro observa e a tudo controla, pelo olhar: mão-no-queixo, confortavelmente estendido em cadeira imaginária, aos balanços. Entretanto, por outro lado, pode-se pensar em intrincado recurso retórico em que se promove um exercício de desdobramento afetivo pelo construto de uma dicção em duplo, viabilizada pela figura de um alter-ego ficcionalizado. Ou seja, o primeiro, de um nível externo ao desenvolvimento da história, vê – embora em alguns momentos torne audível [entre parênteses] a voz – de lugar seguro e aprazível para, como fortaleza divina, espreitar a pequenez das atitudes humanas registradas em texto; e o segundo, de dentro do evento narrativo, fala, materializando-as pelo discurso através de inusitado sucesso, até culminar com o derradeiro despistamento das próprias ações e destinar todo o processo ao leitoso e fértil universo de um realismo impregnado de natureza fantástica, quem sabe se “para deixar entrar o sol, inimigo dos maus sonhos” (*ibid.*: 490). Ou ainda, a multiplicação de outras vozes, mais e demais. Todas congregadas em apenas uma – a voz do discurso – que se lança aos lados, num movimento sugestivo visando a amalgamar os deslocamentos de idas e vindas da condição humana, sentada no trono da língua, absortamente, aparando as próprias unhas. Muito ao gosto do espírito machadiano.

Essas situações desdobradas/metamorfoseadas possibilitam-se em virtude da própria denominação da narrativa: “Entre santos”. Isto é, o que segue é algo disposto no intervalo de coisas: vozes, narradores, situações reais e para-reais. Enfim, um discurso a mediar ações e atitudes da condição do humano por intermédio do fazer textual. Ou seja, o fértil reflexo de entroncamentos e embates convulsivos entre instâncias narrativas e narradas, à luz da experiência humana. Assim, de modo semelhante à conversação entre os santos – todos imbuídos somente de temporalidade canônica – ocorrem também diálogos entre níveis, tempos, modos, conjugados em um único corpo que se compõe no entre do escrito e do suprimido, do dito e do ouvido, do sonhado e do calado, a partir de duplo espanto: o de dentro da história (plano do enunciado) e o da história que se ergue de outros olhos, justamente os do receptor. Então, que coisa fazer diante do fantástico jogo de metamorfoses a ir e vir? Desses tantos e quantos sóis desventurados: nós mesmos, espelho de nossa flébil condição?

O fio discursivo desenvolvido parece construir-se em razão mediada por duas instâncias. Ou seja, a partir do jogo tensivo entre duas regiões espacializadas: a deflagração da já referida fragilidade humana (relatividade/ausência de luz) concernente ao plano da história e respectivo contraponto, a todo momento referendado pela incidência do registro “Luz” a iluminar e organizar a disposição discursiva que engendra o vasto/estrito caminho da tragédia humana. Nesse sentido, no embate entre o discurso e a história, o conflito se acentua firmando-se cada vez mais trágico. Assim, o percurso se dá no entre-espço do dito e

do como dito, enviesamento que, ao cabo, conduz aparentemente, como referendado, ao território do fantástico.

À lucidez do discurso, o registro “Luz” ocorre várias vezes ao longo da história que se desdobra em três níveis distintos; embora intercambiantes. Desse modo, acompanhar a frequência com que o narrador o utiliza – no percurso de constituição do exame da condição do humano, em sentido plural – pode ascender claridade a alguns labirintos que a narrativa engendra.

O primeiro jogo convulsivo do percurso de “Entre santos”, após a explosão latente no próprio título, evidencia-se logo no minúsculo parágrafo de abertura:

Quando eu era capelão de S. Francisco de Paula (contava um padre velho) aconteceu-me uma aventura extraordinária. (*ibid.*: 484)

Observa-se a presença de duas vozes enunciando-se em justaposição. Ou melhor, a primeira – desde já identificada por N2 (narrador 2) – manifesta uma história presenciada pelo próprio agente, personagem que só se designa pelo *status*-de-estar – “capelão de S. Francisco de Paula” – que, de um tempo futuro em relação ao ocorrido, narra o fato. Em verdade, “uma aventura” que julga extraordinária. Um primeiro questionamento pode ascender à curiosidade do leitor. Se se trata do protagonista, que razão teria o condutor do discurso para não nomeá-lo? Observa-se que a ele se impõe uma situação de dependência – é o “capelão-de” – fato que o coloca desde cedo em posição de inferioridade em relação a algo que se mostra de fato em nível superior. Ele, um representante da divindade na terra; o outro, a própria divindade: S. Francisco de Paula. O que se nota, portanto, é um coalhar-se de situações opositivas e generalizantes. Ao termo “capelão” – sugestivo por derivar do antigo provençal *capelan*, e este do **baixo** latim *cappellanus* – associa-se o termo “capela”, o “lugar-de”, e simboliza “pequena igreja”. Ao que parece, esses fatores visam a materializar a natureza inferior, portanto, ainda frágil da condição humana. Em oposição a esta, o registro de nome: Francisco de Paula; acrescentado da sagração de divindade: “São”, posta-se e generaliza condição inversa: a plenitude, a natureza edênica da divindade a ser atingida pelo esforço do humano. Este fato aponta, obrigatoriamente, para exercício de trânsito, de deslocamento de uma condição a outra. Nesse sentido, o que leva aquela figura ficcional a revisitar o sucesso destacado parece se ajustar à tentativa de compreensão da própria travessia e, talvez, o espanto; ou então – apesar da figura de que se reveste –, a possível incredulidade que ainda lhe atormenta o espírito pelo viés da extra-ordinariedade do fato. Assim, desde logo, algo parece desestabilizar o verbo, e situar em espaço pantanoso o que há de crença, e de ofício e entrega às lides da representação da fé cristã na terra, criando distúrbios no idioma da respectiva ocupação. Essa voz, pronunciada no tempo e no espaço, apesar de ser a responsável por conduzir o relato da própria experiência e assumir tom de vitalidade afirmativa, não pode se consubstanciar como exercício revelativo ou mesmo como entendimento do enigma que busca, talvez, compreender, pois – subliminarmente – constitui-se, desde a

raiz, de experiência tal que só materializa dúvida, incredulidade e sacrilégio. No entanto, é justamente a que se dá ao trabalho, impregnando sentido de falseamento por constituir-se, estrategicamente, numa ação narrativa de voz destituída de onisciência; e mais, destituída de condições internas e externas para retificar tal situação: “Depois, não pude ouvir mais nada. Caí redondamente no chão. Quando dei por mim era dia claro...” (*ibid.*: 490): a própria voz do auto-abandono. Portanto, a variação temporal que implicaria em aquisição de um *status* diferenciado pela passagem do tempo, do passado para o do agora da narração – pelo registro elíptico –, só evidencia o cerne da fragilidade apontada, avalizando-se, possivelmente, como uma espécie de, por ora, desacontecimento.

Justaposta a ela, manifesta-se o registro da segunda voz – aqui identificada por N1 (narrador 1) que – desde o princípio – se associa ao espírito da do narrador machadiano com todos os qualificativos desnorteadores que lhe são atribuídos. Esta voz, por sua vez, situa-se em nível diverso do de N2. Dispõe-se de fora, em tempo simultâneo, ao posterior utilizado por N2. Isto é, não em relação à história relatada por N2 e sim em analogia à própria disposição narrativa de N2. Portanto, N1 assume postura de observador soberano de todo o percurso tateante que N2 enfrenta, e com apatia e fastio, parece limar as próprias unhas. Assim, a luz de que N2 tanto necessita para aclarar o sucesso e o espírito – embora não o saiba – impossibilita-se desde sempre, uma vez que a barreira discursiva parece só permitir o acesso metaléptico intromissivo do nível mais externo para o mais interno e não o contrário. No entanto, em tempo apropriado retomar-se-á reflexão nesse sentido. Por ora, o destacar-se dos dois níveis de vozes.

Em nível externo, a voz de N1, por breves pinceladas, sugere controlar e supervisionar todos os passos que seguirão no transcorrer da história. Nesse caso, o registro das intervenções tanto vem demarcado explicitamente por intermédio do uso de parênteses, como no primeiro parágrafo, quanto infiltrado/amalgamado à própria voz de N2, em geral pela retórica do discurso indireto livre, reverberado em duplo. Já no nível interno à história, a voz do personagem-narrador N2, enuncia – por tê-lo vivido – um fato enigmático. Esse desdobramento discursivo – por enquanto – abre espaço para a instalação de um entre-lugar demarcado por uma condição de ausência-de-luz. Assim, pelo avesso, a primeira referência recorrente a ela – Luz – manifesta-se pelo concurso do binômio: mistério/não-luz. Entretanto, outra situação convulsiva se aprofunda a partir da evidenciada. Manifesta-se pela atitude possível de não se tratar de dois narradores e sim, como aventado, de exercitação de uma dicção em duplo, viabilizada pela figura de um alter-ego ficcional. Nesta posição, a relatividade do caráter de domínio de uma instância onisciente amplifica-se ainda mais pelo caráter de falseamento no exercício da própria constituição dela. Isso ocorre pois, enquanto de aparente nível externo uma fração de voz vê/observa e se dispõe a valorar-se de acordo com uma condição de superioridade divina; a outra fração rola pelos meandros da própria história que narra, impregnada de dúvidas em articulações sonoras que buscam um saber

jamais revelado. Destarte, tanto um procedimento quanto outro, em verdade, conduzem ao mesmo ponto, qual seja: o da impossibilidade de concretude de certeza ou mesmo resolução da questão abordada: o percurso do ser rumo à luminosidade. Assim, se no primeiro caso o teor misterioso e enigmático permanece pois N1 – onisciente – omite, naturalmente, informações conclusivas; no segundo caso, N1 não passa de um engodo, sujeitando-se de qualquer modo, à inconsciência que invade N2. Isto é, ele mesmo. Portanto, a complexidade variativa que o discurso de “Entre santos” veicula sintetiza-se no congruente retrato geral: o que há é o concurso de uma única voz, a voz do um-coletivo, anunciada pela instância do discurso que conduz a narrativa da humanidade, simplesmente no tempo e no espaço, sem elucidar e determinar desfecho buscado, esperado, revelado.

De posse de tais desdobramentos, o discurso caminha. Toma a palavra o capelão e põe-se em percurso buscando relatar os sucessos que tanto o atormentam. Desse modo, sem demarcações espácio-temporais precisas, registra que “Morava ao pé da igreja” (vide associação a “capela”) e que, numa noite, recolhera-se tarde. Entretanto, se a datação dessa noite perde-se no tempo do passado e da memória; fixa-se como a noite do desespero, isto é, verificação de ausência de luz agindo no discurso como metáfora anunciada da própria condição, além de figurativizar-se, não é demais refrisar, em metonímia da humanidade. Assim, ao constatar que as portas do templo estavam bem fechadas, observou presença de luz no interior da igreja – a qual morava ao pé. Uma luz de qualidade diversa – “fixa e igual [...] de uma cor de leite que não tinha a luz das velas” (*ibid.*: 484) – das prontamente reconhecíveis. Para destacar o episódio, o capelão vale-se do relato direto suscitando conferir maior dramaticidade à cena, além de imprimir no receptor sentido de maior credibilidade, e incitá-lo à aproximação. O jogo se dá pela sedução, a partir do anúncio sugestivo de um mistério. Em verdade, há um debater-se constante visando a que alguém ou alguma instância lhe preste auxílio e lhe possibilite “salvação”. Salvamento da tragédia humana – quem sabe – através do outro ou do próprio discurso. Por isso, carece encontrar respaldo na figura a que/quem dirige a voz. Entretanto, como destacado, por recurso modal relativo à utilização de discurso figurativo – “A primeira e a segunda porta que comunicam com a igreja estavam fechadas [...] até que dei com a terceira porta aberta” (*ibid.*: 484) – experimenta a condição inexorável e tópica de que não vai receber respostas às intenções, pois a primeira porta dispõe-se em direção ao nível tópico onde situa-se N1; a segunda, o cerne do conflito, à posição de N2, que ocupa enquanto personagem, portanto fechadas; e a terceira – “aberta – é justamente a que expõe o mistério, portanto, sem possibilidade de revelação. A terceira ainda é a que se revela no dentro do espaço físico ao qual o capelão não “mora”, por habitar no sopé dele. Assim, estabelece-se também um diálogo intervalar entre o dentro e o fora com função de possibilitar o deslocamento do dentro do discurso para fora dele, isto é, a materialização intervalar intercambiante do binômio ficção/realidade.

Desse modo, desde a primeira ocorrência do registro “Luz” no discurso – ao mesmo tempo que ilumina o início da caminhada – antecipa-se como condição a ser atingida e não elemento de salvação exterior que venha a eliminar, por um passe divino, a efêmera fragilidade humana. Serve somente como alerta e alento.

Após o primeiro impacto, o leitor é apanhado pelo próprio susto do capelão e o mistério ganha visibilidade. Além da luz que de dentro da igreja “não vinha de parte nenhuma” (*ibid.*: 485), uma vez que “os lustres e castiçais estavam todos apagados; era como um luar, que ali penetrasse, sem que os olhos pudessem ver a lua” (*ibid.*: 485), os sentidos do frade eram ainda invadidos por vozes “regulares, claras e tranqüilas, à maneira de conversação” (*ibid.*: 484). O fato é que a realidade o surpreenderia com situação mais alarmante que um esperado diálogo entre gatunos ou mesmo outro, entre mortos. O espanto/assombro – que o poderia ter conduzido ao “abismo da loucura” (*ibid.*: 484) – avolumara-se pelo extra-ordinário: a verdade de uma conversa entre cinco imagens de santos que – feito homens – desceram dos respectivos nichos e amistosamente, em tom mediano, inventariavam e comentavam entre si as orações e implorações que cada qual havia recebido no transcorrer do dia. O juízo do capelão, talvez induzido por voz superior no discurso, humaniza o exercício dos “santos” avaliando-os como “terríveis psicólogos” que “desfibravam os sentimentos”, “como os anatomistas escalpelam um cadáver” (*ibid.*: 485). A manifestação de tal consciência não sugere sustentar-se por si, uma vez que é efeito direto de uma visão que só instaura deturpação mental por experimentar sensações de pavor e aterramento: “Que perdi a consciência de mim mesmo e de toda outra realidade que não fosse aquela, tão nova e tão única, posso afirmá-lo” (*ibid.*: 484), razão que suscita, pelo emprego do discurso indireto livre, o aparecimento de uma das possíveis vertentes destacadas: a manifestação quase-divina da intervenção onisciente de N1 no desdobramento convulsivo da história.

Deste ponto em diante, o capelão mantém-se na posição de personagem que a tudo observa, atuando com perfeito *voyeur*. Entretanto, a condição justaposta de segundo narrador deturpa-se em virtude de – a partir de então – passar à condição de talvez insuspeito (o que pode parece improvável) narratário de uma terceira instância narrativa, localizada em nível interno à história relatada. Nesse sentido, a voz de N2 só faz atualizar o que seus sentidos captam deste terceiro nível, justificando assim, a condição assumida. Portanto, não-sujeito das ações, pela condição de espontâneo narratário que a própria curiosidade lhe impõe. Esta situação apresenta-se determinante e sustenta o estado de relatividade e desconforto que experimenta o personagem. A condição de narrador, portanto, de condutor de um dado discurso relativiza-se, agora, por dupla imposição. Primeiro, como mencionado, pela espécie de submissão em relação a N1, no diálogo entre os níveis externo e interno à história; acrescida agora pela condição de se fazer narrador internalizado a partir da de narratário, no diálogo entre o nível da história e outro interno a este. Aqui, a estratégia discursiva aplicada, por mais uma vez, cuida de promover um falseamento na estrutura até então

construída. Recordar-se que a condição de ausência de saber de N2, em primeira instância, ocorre pois se encontra em nível menos abrangente do que o de N1, só se viabilizando o acesso do nível externo para o interno. Isso determina a relatividade de onisciência de N2. Entretanto, agora seria o momento da resolução deste problema, vez que N2 foca diretamente a raiz do enigma; e mais, situa-se em nível mais abrangente do que o terceiro que aprecia. Se o construto discursivo mantivesse desdobramento linear, o problema estaria em vias de ser solucionado. No entanto, nova rasteira de palavras lambe os olhos e as expectativas do receptor e do próprio N2. Isso ocorre pois, embora seja o espaço limitado por caracterizar-se como uma história dentro da história, a carga potencial da(s) voz(es) que comanda(m) este terceiro nível qualifica(m)-se como superlativa(s) em relação à de N2, pelo aspecto de divindade da qual se constituem, mesmo assumindo dimensão e tom aproximados da de humanidade. Ao que parece, é assim que, embora aberta, a terceira porta impede o acesso de N2 ao nível mais interno, cujo personagem tomado pelo espanto só viabiliza a N2 vivenciar a relatividade da própria condição, determinada pela de narratário de N3. No entanto, mesmo o aspecto de divindade da(s) voz(es) de N3 não constitui potencialidade para que se viabilize o acesso deste(s) para o nível que lhe(s) é mais externo, o de N2. Este suceder, retomando a linha da consequencialidade normativa primeira, justifica o fato de – mesmo santos, donos de um saber que extrapola os limites sensíveis da relatividade humana – não se aperceberem da personagem que furtivamente os espreita. Isto é, a estratégia discursiva bailarina, ora permitindo, ora não a circulação de saber entre os níveis que compõem a narrativa.

Os sucessos do terceiro nível movem todas as forças convulsivas do texto. A condução é executada pela conversa entre os cinco santos que – deliberada e quase-amistosamente – iniciam uma comportada disputa de poder. O modo como se apresentam diante dos fatos sugere algumas reflexões consecutivas. Primeiro, por dialogarem, pode-se pensar na não-conagração de uma voz particularizada que conduz a narração deste nível – embora o sobressair da de S. Francisco de Sales em relação às demais – e sim, ser tomada como conjunto de vozes que delinea a potência coletiva de uma única voz (N3) a veicular informações sobre a ferida central que a narrativa enovela. Segundo, permite ao receptor reconhecer, por intermédio dela, expressões e posições da própria condição – exercitando, desse modo, ponte que oferece passagem da ficção para a realidade exterior – vez que também se aproxima/reconhece/identifica com as atitudes exemplarizadas pelo relato de S. Francisco de Sales ao descrever, aos pares, a trajetória do personagem a ele diretamente ligado:

– Tem cinqüenta anos o meu homem, disse ele; a mulher está de cama, doente de uma erisipela na perna esquerda. Há cinco dias vive aflito porque o mal agrava-se e a ciência não responde pela cura. [...] Ninguém acredita na dor do Sales (ele tem o meu nome), ninguém acredita que ele ame outra coisa que não seja dinheiro, e logo que houve notícia da sua aflição desabou em todo o bairro um aguaceiro de motes e dichotes; nem faltou que acreditasse que ele gemia antecipadamente pelos gastos da sepultura. (*ibid.*: 486)

Se, ao nível do discurso, o entrecruzar tensivo – por intermédio de desdobramentos de vozes, disposições modais, conjugações espacio-temporais – apresenta-se como elemento relativizador da potencialidade simbólica do registro “Luz”, sentido similar repercute no plano da história movendo forças tensivas a partir de relações determinantes entre santidade e humanidade, geridas por atitudes divinas humanizadas; gradações evidenciadas pelo entrecruze de personalidades divinas em ação de julgamento, como oportuniza-se no último registro do termo “Luz” referente a este nível:

Mora perto, e veio correndo. Quando [Sales] entrou trazia o olhar brilhante e esperançado; podia ser a *luz* da fé, mas era outra cousa muito particular, que vou dizer. (*ibid.*: 488, grifei)

Observa-se que a onisciência de N3, deflagrada pelo julgamento efetivado sobre o personagem – devido a condição coletiva de narrador e/ou santo – especifica um sítio que coloca sob suspeição o teor de validade da fé empreendida pelo personagem. Isto se verifica por intermédio dos registros avaliativos em crescendo: “podia ser” e “mas era outra cousa”. Ou seja, delinea estado de ausência de luz. No entanto, os olhos do personagem entraram brilhantes e esperançados, o que de algum modo suscita, ainda que metaforicamente, presença de luz. A junção dessas duas instâncias num mesmo elemento compõe o cenário e se amalgama ao cerne das situações delineadas por construir-se no entre-estado das coisas. Desse modo, alia-se a molde figurativo de efeito diverso, qual seja, o de luz que não se consagra completamente como tal por vitalizar conjuntura de falseamento – tremeluz – para o todo do conjunto narrado.

Assim sendo, o destaque de tais razões sugere ainda mais delimitar o tom geral de aparente desacontencimento. Por isso que, como mencionado, o diálogo tensivo entre Luz – materializada pela presença dos santos e sistematizada no plano do discurso –, e espaço de ausência de Luz – evidenciado pela tragédia humana através do plano da história – é que supostamente conduz ao aparente desfecho fantástico da narrativa. Entretanto, se bem o leitor se ativer ao fazer discursivo, deve perceber que algo não sustenta a concretização onírica verificável ao término do sucesso, relativizando e colocando em cheque – sim – o caráter de fantasticidade até então veiculado. Isso, pois, o universo em foco só se valida no “entre” das coisas, de modo a permitir que o que seria de ficção fantástica se amalgame ao que é de realidade experiencial a ponto de deixar o receptor entregue – causticamente – à própria sorte, com um retrato indelével das próprias convicções e atitudes no construir persecutivo da escalada da fragilidade humana à concretização da própria luz.

Assim sendo, a realidade do terceiro nível evola no ar das palavras e expira em razão distinta do respectivo início. Se antes – vista de fora – resultou em espanto; agora – dada por dentro – reflete sereno contentamento:

E os outros santos riram efetivamente, não daquele grande riso descomposto dos deuses de Homero, quando viram o coxo Vulcano servir à mesa, *mas de um riso modesto, tranqüilo, beato e católico.* (*ibid.*: 490, grifei)

Ou seja, atitude antecipativa de que não há nada de fantástico, nem no processo de evolução humana, nem no desdobramento da narrativa. Simplesmente, parece assim se manifestar, pois o discurso de N3 suspende-se pela consciência de tal saber, figurativizando-se num festejo de benevolência.

N3, embora a presença, suspende-se, dilui-se etérea na beatitude da tranquilidade fluídica do riso. Assim, a voz que narra a passagem destacada parece duplicar-se. Em virtude disso, ao mesmo tempo, compreender-e-não a natureza excelsa ali delineada. Isso se dá, pois modaliza-se pelo entre-choque do discurso indireto de N2 com voz intrusa N1, consagrando o entre-espaço dos respectivos níveis, pelo recurso retórico do discurso indireto livre.

Portanto, ao invés de lugar de desacontecimento, determinado por aparente construção do elemento fantástico, o que se acentua é o de franco acontecimento em virtude do retrato real veiculado, pela deflagração do evento trágico que é devido à condição humana; entretanto, fraternalmente aquecido pelo calor do “dia claro” e “do sol” que amenizam os maus sonhos: o caminho para a Luz.

Bibliografia

ASSIS, Machado de (1997). *Várias histórias*. In *Machado de Assis. Obra Completa*. 9ª reimpressão, vol. II. Organização de Afrânio Coutinho. Biblioteca Luso-Brasileira. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar.

.....

RESUMO

O presente estudo visa a refletir sobre jogos retóricos praticados pelo narrador machadiano na construção de “Entre santos”, especificamente no que concerne às metamorfoses de sacralização/dessacralização experimentadas pela condição humana.

ABSTRACT

The following paper aims to analyze the rhetoric games used by Machado de Assis narrator in “Entre Santos”, mainly those sacred/secular metamorphosis experimented by the human condition.

